

# DERIVAS: MODOS, FORMAS, SENTIDOS, SENSAÇÕES

*Andréa Figueiredo Leão Grants*

*Fernanda Müller*

*Gizelle Kaminski Corso*

*Jair Zandoná*

*Rafael Zamperetti Copetti*

*Stélio Furlan*

Universidade Federal de Santa Catarina

Vestígios de um fio, semelhante ao novelo de Ariadne, porém, apontando para um futuro por estar preso à mão de um menino, que contempla com sua mãe o além-mar. O fio se faz resistente, à espreita das Moiras, tecedoras, talvez desses destinos humanos cujos olhos contemplam um horizonte, marcado por uma linha sem fim. Destinos que pleiteiam um mundo de possibilidades, de outras terras possíveis de serem alcançadas – destino certo da gaivota: uma [outra] ilha – quiçá a ilha do sonho, do drama estático pessoal “O marinheiro”, antevista pelas veladoras na noite profunda. A ilustração que abre a presente edição da *Anuário de Literatura* é de autoria de Hassis – tão prestigiado e reconhecido artista [naturalizado] catarinense – e faz parte do livro de contos “Este mar Catarina”, de 1983.

Então, a imagem que se afigura como mote, escorrega do “lado de dentro” do livro para o “lado de fora”. Ressignificação movediça própria da literatura, da leitura que fazemos enquanto objeto de pesquisa, sintagma resultante das leituras plurais que compõem este número.



Esta obra está licenciada sob uma [Licença Creative Commons](https://creativecommons.org/licenses/by-nc-nd/4.0/).

Sobre a imagem, podemos apreender o momento fugidio registrado, tal qual os croquis de C. Guys, igualmente incapaz de capturar “totalmente” o que se passa, fragmento, portanto, do instante. Fragmentário, diria Compagnon. Há sempre algo que escorre pelas mãos feito areia, feito o tempo, que a caneta não é capaz de registrar, por inteiro, no papel. Daí que as figuras se apresentam apenas em contornos pouco fixos, formas sem completude, sem cor ou preenchimento [intensificadas pelo amarelo do papel antigo]. Mãe e filho não apenas representam a volatilidade do presente, a sutileza da paisagem, como também o passado – que está logo atrás, mas também ao lado –, e certa expectativa para com o futuro – seja simbolicamente retomando pelo voo da gaivota que se distancia, seja pela espera de um suposto ente querido cuja ausência se consuma pelo olhar atento àquilo que não lhe está mais ao alcance, pelo braço que se consola com o cesto que carrega.

Há sempre uma história dotada de várias histórias. De ideias. De desejos. De anseios. De pulsões. De viagens. Não há limites para a imaginação: alimento da literatura, das artes. Por essa perspectiva, Valdir Olivo Júnior, em *Augusto Roa Bastos: imagen(s) do exílio*, propõe problematizar a relação entre cinema e exílio, haja vista a escolha do escritor paraguaio Augusto Roa Bastos em compor roteiros, partindo da concepção de montagem e sua potencialidade em exilar blocos de imagens e criar fantasmas.

Por sua vez, em “*Diário da Tarde*” de Ilhéus – lugar de memória, Antonio Valter Santos Barreto e Cláudio do Carmo Gonçalves procuram analisar o periódico pelo viés da memória, além de buscar, localizar, identificar e caracterizar páginas e suplemento literário no jornal fundado em 1928 e que circulou por 70 anos. No artigo *Edgar Allan Poe e o surgimento do conto enquanto gênero de ficção*, Greicy Pinto Bellin propõe uma análise do surgimento do conto enquanto gênero de ficção, partindo de uma reflexão de Poe sobre os contos de Nathaniel Hawthorne.

Em *Chamar os fósseis à fala*, Marcia Bianchi visita a poesia de Ferreira Gullar através dos discursos e formas de pensamentos possíveis por meio da interseção entre filosofia, literatura e psicanálise. Rogério Tomaz, em *Hamlet no cinema: as adaptações filmicas de Laurence Olivier (1948) e Franco Zeffirelli (1990)*, discute as inter-relações entre as artes, propondo a análise da abordagem intersemiótica na adaptação da peça de teatro *Hamlet*, Príncipe da Dinamarca, de William Shakespeare feitas pelo cineasta britânico em 1948 e pelo italiano em 1990, respectivamente. Por sua vez, Celina Vivian Lima Augusto, no texto *A questão histórica no gênero cinematográfico commedia all’ italiana: a Primeira Guerra Mundial na ficção*, propõe aproximações entre cinema e história através do gênero

cinematográfico *commedia all'italiana*, além de desenvolver análise sobre o filme *La Grande Guerra*, de Mario Monicelli.

Carlos Junior Gontijo Rosa e Alexandre Soares Carneiro, em *Há sátira em Antônio José da Silva?*, apresentam um estudo teórico sobre sátira e a sua possível aplicação à obra do dramaturgo português. Tiago Ribeiro dos Santos, em *Verdade e revolução: traços do cinismo na obra de Almeida Faria*, investiga traços do cinismo no romance português contemporâneo, especificamente na Tetralogia Lusitana, de Faria.

Duarte Pinheiro, em *Trilhos de uma identidade italiana no romance policial português contemporâneo*, discorre sobre a representação da Itália na narrativa policial portuguesa contemporânea. Para tanto, lança mão dos romances “O Bom Inverno” (2010), de João Tordo, e “O último comboio para Roma” (1998), de Margarida Utne, para desenvolver sua análise sobre essa questão. Em *Os caminhos a serem percorridos na poesia de Alberto Caetano: uma abordagem segundo a Estética da Recepção*, Fabrício César Aguiar enfoca a valorização dos aspectos sensoriais do poema caeirão “Num meio-dia de fim de primavera”, especialmente o visual, observando conceitos teorizados por Wolfgang Iser e Hans Robert Jauss.

A seção *Pesquisadores docentes* é aberta com o ensaio de Annabela Rita intitulado *Retorno ao passado... com António Cândido Franco*, no qual procura analisar o romance “Os Pecados da Rainha Santa Isabel” (2011) inscrevendo-o no conjunto da obra do escritor português e evidenciando a sua componente ensaística de reflexão sobre a identidade e a história lusas. Márcio Bobik Braga, em *Gauchos e bárbaros: a história da formação da nacionalidade argentina a partir da leitura de Jorge Luis Borges*, pretende mostrar como o escritor argentino convida o leitor a mergulhar, em alguns de seus textos, em uma complexa e instigante história acerca da formação da nacionalidade na Região do Prata durante o século XIX, aproximando história e literatura. Em *Vampiros: algumas faces do monstro em narrativas brasileiras*, Maurício Cesar Menon analisa algumas incursões do vampiro pela literatura brasileira, a fim de evidenciar quais foram as faces que a literatura nacional emprestou a esse mito de meados do século XIX ao princípios do século XX.

Na seção *Entrevistas*, em *Um diálogo entre Ocidente e Oriente*, Marco Catalão conversa com Laura Cerrato, a fim de discutir alguns elementos da poética do escritor argentino Roberto Juarroz (1925-1995), especialmente sua relação com o Budismo e a tradição oriental. Para fechar a edição, na seção *Resenhas*, Daniel Felix apresenta uma breve

recensão, *O último amigo*, de Tahar Ben Jelloun, sobre essa narrativa escrita pelo escritor franco-marroquino.

